

Seguindo a ordem do chefe

"A população está pedindo a CPI. Retaliação é um jogo ultrapassado e, a meu ver, mete medo em poucas pessoas. Só mesmo aqueles que são dependentes de coisas não muito boas é que podem ter medo de retaliação"

Antonio Carlos Magalhães, do dia 25 de março de 2001, em defesa da CPI

"Do jeito que está, a CPI é muito complexa e não vai funcionar"

Antonio Carlos Magalhães, ontem, depois de aceitar um acordo que ajuda a sepultar a CPI

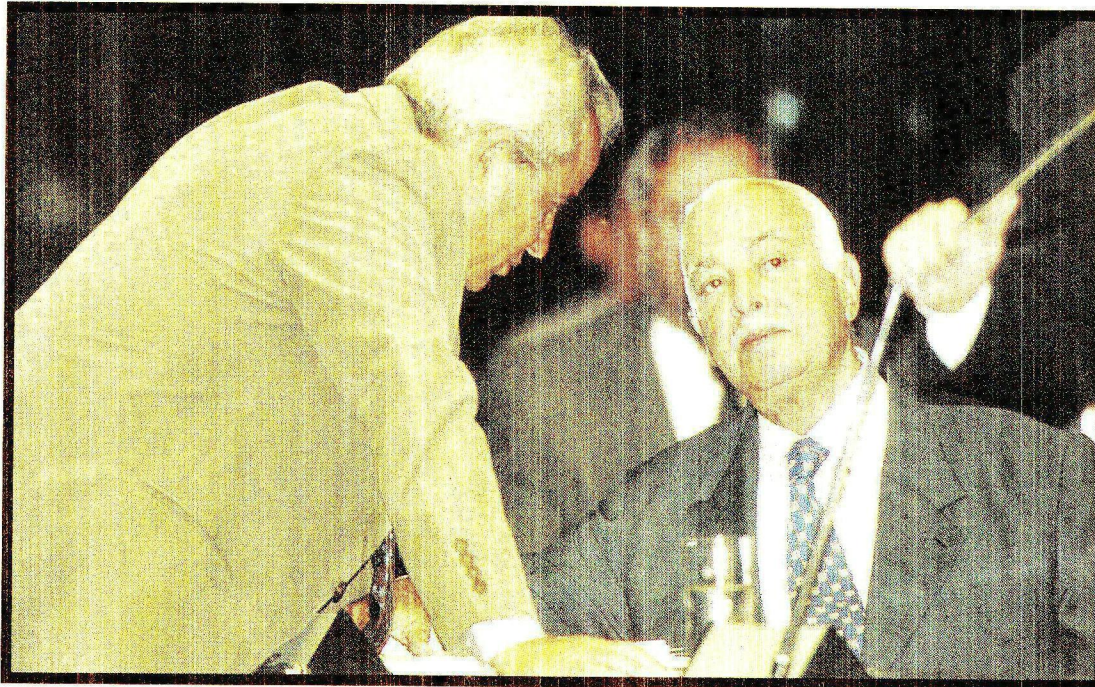
Rudolfo Lago e
Olimpio Cruz Neto
Da equipe do **Correio**

secretaria no governo da Bahia, Ariston era um dos cinco deputados fiéis ao senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) que haviam assinado a CPI. Por volta das 15h, a "ordem do chefe" chegou. Ariston deveria retirar a sua assinatura.

O mesmo fariam os deputados Paulo Magalhães, Ursicino Queiroz e Luiz Moreira. Todos do PFL da Bahia. Todos fiéis a ACM. Eujácio Simões, que é do PL mas da mesma forma segue as ordens de Antonio Carlos, também tirou o apoio à CPI. Para não dar muito na vista, os senadores pefelistas Waldeck Ornêlas e Paulo Souto, carlistas mais conhecidos, mantiveram as suas assinaturas. Assim como o próprio ACM. Os três estavam ontem em Salvador quando o governo desencadeou a ofensiva para dismantlar a instalação da CPI da Corrupção. CPI que foi deflagrada com a ajuda do próprio Antonio Carlos Magalhães.

As denúncias feitas por ACM contra o governo ao longo dos últimos meses respondem por cinco dos 15 temas do requerimento

Ronaldo de Oliveira



ACM (D): À ESPERA DE QUE O GESTO DE RETIRAR ASSINATURAS O AJUDE A SE LIVRAR DA CASSAÇÃO

apresentado pela oposição pedindo a CPI. Ele assumiu como suas as denúncias contra o ex-diretor do Banco do Brasil Ricardo Sérgio de Oliveira na privatização das empresas de telecomunicações, as irregularidades nos precatórios do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), o desvio de dinheiro do Banco do Estado do Pará (Banpará) pelo atual presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), e as fraudes na Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam).

INSTINTO DE SOBREVIVÊNCIA

Mas o instinto de sobrevivência política falou mais alto. Antonio Carlos abandonou o interesse pela investigação das suas denúncias para

salvar a própria pele. Para a retirada das assinaturas de seus deputados, ACM negocia a troca da cassação no Conselho de Ética do Senado por uma punição mais branda. Em retribuição ao favor, o presidente Fernando Henrique Cardoso, que na semana passada, disse estar "estomagado" (enau-seado) com o episódio da violação do painel arquitetado por ACM e pelo senador José Roberto Arruda (sem partido-DF), mudou o tom. Ontem, ele protestou contra o linchamento precipitado de ambos. "Não podemos ser o Brasil do linchamento. O país precisa da punição, mas não pode ser conivente com a transgressão das regras democráticas", pregou.

A operação *Salva ACM* foi costurada dentro do próprio Congresso, com Jader Barbalho. O

presidente do Senado também não sofrerá mais os ataques de ACM e começará a ser poupado, dentro que foi acertado. O acordo visa alterar a cassação para uma punição mais branda, provavelmente a suspensão do mandato dos dois senadores por alguns meses. Essa é a solução dos sonhos do presidente do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC). Bornhausen não deseja a cassação de ACM porque sabe que o PFL não pode prescindir do cacife eleitoral do senador baiano. Mas, ao mesmo tempo, adoraria vê-lo fora do Congresso por algum tempo. "O ACM só tem trazido problemas", confidenciou ele, em conversa com outros pefelistas. Embora todos os líderes governistas neguem o acordo, ninguém da oposição acredita.